

É a Região do país com mais situações extremas potenciais de anos de vida perdidos por doenças atribuíveis ao álcool, superando largamente a média nacional. Totaliza quase 392 anos por 100 mil habitantes

O Relatório Anual 2016 sobre a 'Situação do País em Matéria de Álcool', divulgado esta semana pelo Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD), mostra uma realidade nacional preocupante e, no que toca à Madeira, muito além da média do país quando se fala, por exemplo dos anos de vida perdidos para o alcoolismo.

Assim, conforme se pode analisar do documento, a Região Autónoma da Madeira do país (das sete regiões NUTS II) com mais situações extremas, ou seja potenciais anos de vida perdidos por doenças atribuíveis ao álcool, superando largamente a média nacional (208,1). Totaliza quase 392 anos perdidos por 100 mil habitantes.

Segundo o relatório, que se repor-

ta a 2015 no que toca à mortalidade por doença associada ao álcool, representou cerca de 2,12% da mortalidade no país, "proporção que vem diminuindo muito ligeiramente desde 2012", sendo que a maioria foram "do sexo masculino (79%) e a idade média ao óbito foi de 66,1 anos (64,1 anos nos homens e 73,7 anos nas mulheres)", o que nos leva à taxa bruta de mortalidade por doenças atribuíveis ao álcool que foi de 22,3 óbitos por 100.000 habitantes (37,2 nos homens e 8,8 nas mulheres)".

Nesse particular, "são de assinalar as heterogeneidades regionais (NUTS II) entre o Continente e as Regiões Autónomas – taxas de mortalidade padronizada superiores nestas últimas –, padrão que se mantém ao longo dos últimos anos", pelo que "as taxas regionais de anos potenciais de vida perdidos por doenças atribuíveis ao álcool", como valor a nível nacional em 2015 de 208,1 anos por 100.000 habitantes (377,2 nos homens e 47,4 nas mulheres)", com os Açores nos 266,8, o Norte nos 233,9 e o Alentejo nos 233,6 os que mais se aproximam dos números da Madeira, os referidos 391,7.

Isto reflecte-se nos oito (8) óbitos por abuso de álcool (incluindo psicose alcoólica) e nos 28 óbitos por doença alcoólica do fígado.

Açores pior do que a Madeira

Entre algumas conclusões do estudo, passamos a citar, "o Algarve, a Área Metropolitana de Lisboa e os Açores foram as regiões (NUTS II) que apresentaram prevalências de consumo recente acima do valor nacional, na população geral de 15-74 anos", sendo que "em relação aos indicadores de consumo de maior nocividade, os Açores destacaram-se com os valores mais elevados, quer na população geral de 15-74 anos, quer na de 15-34 anos. Outras regiões também apresentaram valores acima dos nacionais para alguns

destes indicadores, sendo de destacar, nos 15-74 anos, o Centro e a Madeira para as prevalências de binge (consumo compulsivo) e o Algarve para os consumos de risco ou dependência, e nos 15-34 anos, o Centro, AM Lisboa e a Madeira para as prevalências de binge, AM Lisboa para a embriaguez, e o Centro e Algarve para os consumos de risco ou dependência".

De frisar, também pela negativa no que toca à RAM, o facto que "o padrão nacional de diminuição das prevalências de consumo recente entre 2012 e 2016/17, não se verificou na AM Lisboa, Algarve e Regiões Autónomas" e quanto "à evolução do consumo binge e embriaguez severa, é de destacar os Açores com subidas muito significativas, e no caso dos consumos de risco ou dependência, sobressaem os aumentos no Centro, Algarve e nos Açores", e as diminuições na AM Lisboa, Alentejo e Madeira, o que na perspectiva destes indicadores é positivo.

Tendo em conta que consumo binge significa "tomar 4 ou mais (sexo feminino) ou 6 ou mais (sexo masculino) bebidas alcoólicas na mesma ocasião", embriaguez diz melhorias tanto na faixa etária 15-74 anos (de 8,8% para 5,8%) como na de 15-34 anos (12,5% para 7,9%), e em ambos os casos bem abaixo da situação açoriana.

Por fim, o indicador AUDIT, se na faixa dos 15-74 anos e na dependência risco elevado/nocivo passamos de 5,9% para 1,3% e na dependência de 1,4% para 0,2%, cenário claramente melhor na faixa dos 15-34 anos, que passou de 3,9% para 1,4% no risco elevado/nocivo, mas dos 0,0% na dependência para algum grau, 0,5% mais precisamente.

Em termos de tipos de experiências de consumo (abstinentes, desistentes, consumidores recentes e consumidores correntes) de bebidas alcoólicas e por faixas etárias, os da

Madeira que bebem mais frequentemente (correntes, que consumiram no último mês) são os com idades entre 45 e 54 anos (60,7%) e entre 35 e 44 anos (55,1%), as únicas faixas etárias que ultrapassam a metade da amostra.

Utentes em tratamento claramente subvalorizado

Perante estes números, questiona-se como é possível a Madeira ter apenas 4 pessoas em tratamento. É que na rede pública de tratamento dos comportamentos aditivos e dependências (ambulatório), estiveram em tratamento no ano 13.678 utentes inscritos como utentes

com problemas relacionados com o uso de álcool e com pelo menos um evento assistencial no ano, em todo o Portugal. A verdade é que do total nacional, há 188 utentes em que era desconhecida o seu local de residência. E na Madeira, grande parte desse trabalho é feito por instituições particulares e de solidariedade social.

Duas notas finais: primeiro, chamada de atenção ao quadro sobre os casos de violência doméstica associados ao alcoolismo, com ligeira melhoria, mas em que, no último estudo, mostra que metade das situações esteve associada ao abuso do álcool; segundo para os óbitos

associados ao álcool, já referidos atrás, mas que no total de 2015 atingiram as 80 mortes (dados de 2016 não disponíveis), das quais 62 de homens e 18 de mulheres, registando-se uma melhoria global face a 2014 (89), sobretudo nos homens (78), pois agravou-se o caso das mulheres (11).

OCORRÊNCIAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ASSOCIADAS AO CONSUMO DE ÁLCOOL

Região/Ano	2013		2014		2015		2016	
	Casos	% de alcoolismo						
Aveiro	1.668	44,8	1.860	45,7	1.766	44,2	1.793	43,9
Beja	316	54,7	272	52,5	246	49,5	266	53,7
Braga	1.877	42,5	1.709	42,7	1.729	46,2	1.861	42,2
Bragança	358	46,3	365	44,3	347	46,2	335	44,7
Castelo Branco	437	48,9	474	47,9	443	48,5	462	47,1
Coimbra	1.130	45,3	1.130	43,4	1.049	45,8	1.083	44,4
Évora	376	45,5	363	46,5	378	43,6	397	49,6
Faro	1.271	46,9	1.313	44,7	1.322	49	1.386	47,4
Guarda	313	50,2	357	48,6	394	48,4	341	48,8
Leiria	898	36,3	943	35,3	915	40,3	871	40,1
Lisboa	5.885	34	5.851	33,3	5.903	35	6.161	34,1
Portalegre	265	47,4	250	47,2	315	49,2	348	53,1
Porto	5.142	38,5	5.151	38	4.781	38,4	4.903	36,2
Santarém	998	43,5	921	41,9	990	42,1	916	46,8
Setúbal	2.380	35,7	2.310	8	2.284	40,7	2.268	39,1
Viana do Castelo	508	53,5	511	47,4	541	43,5	528	43,5
Vila Real	587	49,3	585	52,5	564	46,4	522	45,6
Viseu	759	48,3	862	52,4	836	47,5	810	46,4
Açores	1.112	48,3	1.079	43,3	963	44,3	1.006	44,7
Madeira	1.018	54,3	1.011	51,2	1.049	54,8	1.034	50
Total	27.318	41,2	27.317	40,8	26.815	41,8	27.291	40,7

Fonte: Sistema de Segurança Interna/MAI/SICAD, relacionadas com ocorrências participadas às forças de segurança e proporção dos casos com sinalização de problemas relacionados com o consumo de álcool por parte do(a) denunciado(a).

Estudo do Resumo

■ No INPG 2016/17 - IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2016/17 - realizado na população de 15-74 anos residente em Portugal, as prevalências de consumo de qualquer bebida alcoólica foram de 85% ao longo da vida, 58% nos últimos 12 meses e 49% nos últimos 30 dias, sendo um pouco inferiores as do grupo de 15-34 anos (83%, 52 e 41%). Entre os consumidores atuais, o consumo diário/quase diário de alguma bebida alcoólica era de 43% (20% dos inquiridos), com 35% dos consumidores a ingerirem diariamente vinho e 15% cerveja, nos últimos 30 dias.

As prevalências de consumo binge (compulsivo) e de embriaguez severa nos últimos 12 meses foram de 10% e 5% nos 15-74 anos (17% e 9% dos consumidores), e de 11% e 7% nos 15-34 anos (22% e 14% dos consumidores).

Quanto a padrões de consumo abusivo ou dependência de álcool, em 2016/17, cerca de 2,8% da população de 15-74 anos residente em Portugal (4,9% dos consumidores) tinha, nos últimos 12 meses, um consumo de álcool considerado de risco elevado/nocivo e 0,8% (1,3% dos consumidores) apresentava sintomas de dependência (AUDIT), sendo as proporções correspondentes nos 15-

34 anos de 2,4% e 0,4% (4,7% e 0,7% dos consumidores).

Em comparação com 2012, é de destacar que, apesar da relativa estabilidade das prevalências de consumo recente e actual e das de consumo binge e embriaguez na população geral de 15-74 anos, aumentou a frequência do binge e houve um agravamento dos consumos de risco ou dependência. Por outro lado, este padrão global de evolução encobre evoluções negativas particulares preocupantes, como as do grupo feminino e das faixas etárias mais velhas, e que são por vezes compensados por evoluções positivas no masculino e nos mais jovens, o que deverá ser tido em consideração no planeamento do ciclo de acção 2017-2020.

In "Diário de Notícias"